

Índice

Rumo a uma ecologia conservadora	1
Fomentar o desenvolvimento económico para combater a mudança climática	3

Rumo a uma ecologia conservadora

Com a ecologia acontece o mesmo que com a justiça social: durante muitos anos parecia uma preocupação exclusiva da esquerda. Mas também há um conservadorismo “ecológico” que apresenta receitas de combate à mudança climática.

Ninguém tem dúvidas de que a esquerda tem uma agenda verde. Mas e a direita? Parece que o *Green Deal* europeu é subscrito somente pelos progressistas, apesar de muitas das medidas mais empenhadas pelo ambiente terem vindo a ser adotadas por governos conservadores, desde os tempos de Margaret Thatcher a Boris Johnson, que multiplicou o número de vias para bicicletas, para não falar do compromisso “ecológico” do centro-direita alemão com Angela Merkel, que levou a sério a necessidade de reduzir as emissões de gases com efeito de estufa, promover as energias renováveis ou subsidiar a compra de veículos elétricos.

Recentemente, de facto, alguns pensadores tiveram a audácia de sugerir que talvez as receitas progressistas sejam menos eficazes para salvaguardar o planeta do que as oferecidas pelos partidos de centro-direita. Por outras palavras, defendem que nem o mercado nem o progresso económico têm razões para fazer diminuir o nosso interesse em cuidar do ambiente. Que, talvez, será mais eficaz reduzir o intervencionismo ou apostar na inovação, do que pensar que estamos condenados à extinção. Em resumo: que o combate contra a mudança climática pode ter mais a ver com decisões concretas e próximas, como as que inspira o conservadorismo, do que com compromissos abstratos e desmedidos, próprios de um ativismo radical.

Contra o monopólio da esquerda

Sam Hall, assessor ambiental dos *tories*, e a Conservative Environment Network (CEN) que dirige para irmanar políticos de centro e direita dispostos a defender uma ecologia alternativa, rejeitam o lugar comum de que no fundo de qualquer conservador há um negacionista obstinado.

Explica Hall numa [entrevista](#) de Carlos Fresneda para “El Mundo” (9.7.2021), “que é verdade que o ambiente figurou durante muito tempo na consciência coletiva como um assunto de esquerda”. Mas também é certo que os partidos de centro-direita, à medida que o tempo passou, não quiseram ficar para trás e tomaram medidas para minimizar a deterioração do campo, o excesso de poluição nas cidades ou a proliferação de plásticos, entre outros assuntos.

Hall considera que os valores conservadores não se opõem ao cuidado com a natureza. E está convencido de que apenas uma pequena minoria entre os seus companheiros de ideias põe em causa que se devam adotar medidas de combate ao aumento das temperaturas ou critica que se procurem alternativas a energias poluentes.

Pelo contrário, defende, a maior parte dos que se situam nas fileiras do centro-direita partilham uma sincera preocupação com o meio natural. Aquilo que ensina a ecologia conservadora é que “a saúde e a resiliência económica da sociedade futura se encontram em parte enraizadas nas decisões que se tomam agora”, afirma.

Radicalismo ou moderação?

A onda do conservadorismo ambiental, tanto no Reino Unido, como noutros países da Europa, aumentou, segundo Hall, nos últimos anos. A CEN teve os olhos postos na cimeira do clima de Glasgow no outono passado. A ideia foi ir articulando um discurso ambiental mais realista, sem demonizar o desenvolvimento económico, nem converter o homem no inimigo a destruir a fim de garantir a sustentabilidade.

O interesse em mostrar um conservadorismo de “rostro ecológico” também chegou a Espanha, com o OIKOS, um *think tank* que arrancou, tanto para se opor ao monopólio da esquerda sobre os assuntos ambientais, como para aproveitar a inquietação crescente na população pelo clima.

Mas qual é, concretamente, a diferença entre a ecologia de esquerda e a de direita? Não será que, por partilharem os mesmos objetivos, os remédios a adotar se deveriam parecer? Na realidade, as divergências são mais de atitude. A ecologia de esquerda é mais inclinada para as soluções drásticas e contundentes, tomadas a partir de cima; o conservador defende uma transição moderada, opera em escala comunitária, e coloca a ecologia mais nas mãos do cidadão, e não tanto nos poderes públicos, nas organizações não governamentais ou nos agentes transnacionais.

O apego à terra

Seria um engano, no entanto, interpretar o interesse do conservadorismo pela ecologia como repentino, ou como um mero movimento estratégico, uma manobra, inteligente ou desesperada, para ganhar as simpatias de um eleitorado cada vez mais “ecológico” e preocupado com um estilo de vida sustentável e *healthy*.

Uma vista de olhos pela história das ideologias revela que, desde Edmund Burke, o conservador tem estado apegado ao terreno e se situou sempre nas fileiras dos que, no século XIX, por exemplo, criavam poemas e cantavam, muito à moda de Virgílio, o zumbido das abelhas, lamentando, ao mesmo tempo, a poluição estética causada pelo progresso industrial.

Isto é algo que foi recordado pelo principal inspirador do conservadorismo verde atual, [Roger Scruton](#) (“Aceprensa”, 12.9.2016). Em “Green Philosophy” – traduzido em Espanha sob o título de “Filosofia verde” pela editora Homo Legens, com prólogo do líder do VOX, Santiago Abascal, aliás –, explicou a diferença entre o olhar do conservador e o do neoliberal. E nada mais afastado do primeiro que o produtivismo a super explorar o meio, os centros comerciais ou essas autoestradas

infinitas que desfiguram a paisagem natural, empobrecendo o homem e cortando o seu vínculo orgânico com o ambiente.

“Oikofilia”

Segundo Scruton, unicamente a sensibilidade conservadora pode salvar o homem da fatalidade climática. Especialmente, porque o conservadorismo aproveita a predileção natural que o homem sente pelo que o rodeia. O pensador britânico apostava na *oikofilia*, o amor instintivo pelo lar natural que desperta em todo o ser humano, e que nasce desse sentido de pertença à comunidade que bate no seu coração.

Sem entrar em distinções, a *oikofilia* soa muito similar à solicitude pela casa comum de que fala o Papa Francisco. O mais interessante da abordagem de Scruton é que associa a política ecológica a cada cidadão: as medidas concretas, os nossos hábitos quotidianos, salvam ou destroem o ambiente.

Como não há nada mais parecido com a ecologia do que a solidariedade, convém referir o exemplo da senhora Jellyby, a personagem de Charles Dickens, encarnação dessa filantropia tão preocupada em auxiliar as crianças pobres de África que deixa desamparados os seus próprios filhos e torna a vida literalmente impossível para os que mais perto dela se encontram. Os problemas ambientais resolvem-se, antes de fazer donativos de dinheiro para que um país longínquo efetue a sua transição energética, recolhendo o lixo que estraga o parque da vizinhança.

A ecologia conservadora não é maximalista, mas gradualista. “Resolveremos o desafio climático não empurrando para alguém a tomada das decisões de o enfrentar, mas mediante incentivos que encorajem as pessoas a resolvê-lo por elas mesmas”, explicou Scruton. Mostrou-se especialmente crítico com o Estado e as ONG, defendendo que onde se deve insistir é no compromisso da sociedade civil, para explorar o poder da sua teia associativa.

Significa isso que Scruton passava por alto a dimensão global da ecologia? Nem pouco mais ou menos. Reconhecia na sua obra, na medida em que os dilemas ambientais são hoje em grande parte globais, devem ser articuladas respostas amplas. Mas achava ser contraproducente a longo prazo deixar a luta contra o aquecimento global, o esgotamento dos recursos naturais ou a poluição unicamente nas mãos do Estado, pois isso iria converter o cidadão, por assim dizer, num irresponsável em termos climáticos.

Mais motivador do que eficiente

Em “Green Philosophy”, Scruton converteu-se num crítico do capitalismo sem travões e afirmou que não se deve procurar o desenvolvimento económico a todo o custo, o que o coloca próximo dos que são defensores do [decrecimento](#) (“Aceprensa”, 19.10.2016). Contudo, deve ser dito que o capitalismo bem entendido, pode ser tanto um instrumento para atenuar a pobreza, como a porta que nos abra para um futuro muito mais verde (ver o [segundo texto](#) deste número do “Correio da AESE”).

Até que ponto as ideias conservadoras são eficazes? Segundo Manuel Arias Maldonado, que estudou a vertente ecológica da teoria política, essas propostas são pouco práticas. Na realidade, sabemos desde Michael Oakeshott que ser conservador não é um credo, nem um programa, nem sequer uma ideologia, mas uma atitude. Arias defende, assim, que o interesse da proposta ecológica conservadora não reside nos seus planos, mas no “catálogo de razões morais que propõe para ativar as atitudes sustentáveis”.

Com efeito, em “Green Philosophy”, Scruton explorou os motivos tanto psicológicos como filosóficos que subjazem a essa inquietação humana, tão natural, de se preocupar com o que nos rodeia, assim como de conservar o planeta para que desfrutem dele as gerações futuras. A beleza do mundo natural, juntamente com o sentimento de pertença e o apego quase sagrado pela vida do nosso meio, transmitido pela tradição, fazem crescer o nosso sentido da responsabilidade e comprometem-nos a lutar contra a poluição e o empobrecimento da natureza.

Inspirando-se em Scruton, Michael Shellenberger, um ativista norte-americano, propôs um novo humanismo, menos racionalista, capaz de combater o alarmismo verde, e de conciliar o respeito do homem com a ecologia. Diversamente das posições radicais, que se transformaram numa religião laica e hostil ao homem, Shellenberger considera necessário recuperar a antropologia judaico-cristã, tendo por objetivo não só colocar o homem no centro da criação, como de lhe atribuir a responsabilidade de preservá-la. Assim, poderá lutar-se mais eficientemente contra a mudança climática, visto que um mundo sustentável é, em última instância, um mundo mais próspero e, sobretudo, mais humano.

J. C.

Fomentar o desenvolvimento económico para combater a mudança climática

Michael Shellenberger, ativista climático, defende em “Apocalypse Never” que o alarmismo ambiental leva a tomar decisões erradas.

Muita gente talvez não saiba que as emissões de gases com efeito de estufa foram reduzidas consideravelmente nos últimos dez anos nos países mais desenvolvidos, ou que hoje morrem menos pessoas devido a desastres naturais do que há um século.

Tão-pouco que sofremos menos incêndios e que a temperatura média aumentou de dois a três graus em relação aos níveis pré-industriais, não quatro. Por outras palavras, que, embora seja indispensável cuidarmos do ambiente, o futuro que nos espera não é tão dantesco como insinuam os alarmistas do clima.

Segundo Michael Shellenberger, de facto, a ecologia radical pode ser contraproducente e levar à adoção de políticas com um importante impacto negativo para o nosso meio. “As pessoas mais apocalíticas sobre os problemas ambientais”, explica em [“No hay apocalipsis”](#) (Deusto), tendem a opor-se às melhores e mais óbvias soluções para resolvê-los”. Di-lo ele, ativista convicto e de longa trajetória, que, desde há vários anos, decidiu examinar de frente os dados, aprendendo no seu cotejo que o homem não é apenas o problema do ambiente, pois é quase sempre a solução, como defende o [“An Ecomodernist Manifesto”](#), promovido por ele e por Ted Norhaus (ver “Aceprensa”, 29.4.2015).

Ecologia sem ideologia

Isso não significa que este cientista tenha percorrido o caminho inverso, nem que haja integrado o grupo dos negacionistas. Nada disso. Está consciente de que devemos mudar muitas coisas se não desejarmos que a situação se deteriore, embora considere exageradas e sem base científica as previsões.

Shellenberger oferece-nos uma leitura da mudança climática sem nenhum tipo de palas especulativas e considera que a proteção da natureza exige ultrapassar a amálgama de extremismo climático, anticapitalismo e anti-humanismo que é subjacente no discurso ecologista predominante.

O seu ensaio é uma densa narrativa em que se misturam dados concludentes com vivências pessoais. Desmonta, assim, muitas meias verdades. Por exemplo, explica que a deflorestação é consequência do progresso económico, denunciando a hipocrisia da parte do mundo mais rico em relação aos países

que desejam empreender um caminho mais promissor. Calcula-se, além disso, que entre 1981 e 2016, o planeta esverdeou 40 %, graças não só à plantação em massa de árvores, como à reconversão de terras agrícolas em pastagens e florestas.

A demonização do plástico é outra das batalhas encetadas pelos apocalípticos, sem repararem que o seu uso salvou diversas espécies, por exemplo, de tartarugas – que antes eram empregues maciçamente para fabricar objetos –, nem que são mais prejudiciais para todos os efeitos os bioplásticos do que o polietileno. Para não falar do destino de muitos resíduos que os cidadãos dos países mais ricos classificam com disciplina militar, que são enviados para a Malásia, a China, a Indonésia ou a Índia, onde se acumulam em fossas de estrume a céu aberto. Segundo Shellenberger, seria mais “ecológico” construir nestas lixeiras do mundo, sistemas de gestão de resíduos, do que multiplicar neste lado do globo as cores dos caixotes do lixo.

Impulsionar o desenvolvimento

Na opinião deste ecologista norte-americano, aquilo que é necessário para enfrentar os desafios climáticos não é menos desenvolvimento, mas sim mais. A técnica e os avanços permitiram ao homem ser mais ecológico e mais respeitador com o ambiente. Numa perspetiva histórica, o que se observa é uma transição constante para fontes de energia mais limpas e potentes. O gás substituiu o carvão e este a combustão da madeira, uma fonte muito poluente, que se continua a utilizar em muitas regiões pobres e cujo desaparecimento deveria ser um dos nossos objetivos de maior prioridade.

O crescimento económico é a via principal que se deverá percorrer para proteger o meio, o que implica procurar componentes que substituam o que é natural. “Salvamos a natureza ao não usá-la e evitamos usá-la ao mudar para substitutos artificiais”. Defende Shellenberger: “Este modo de poupança é o oposto ao promovido pela maioria dos ecologistas, que se concentram em utilizar recursos naturais de modo mais sustentável”, o que termina, paradoxalmente, por super explorar o ambiente.

Neste sentido, deteta uma falácia muito lesiva tanto para o ambiente, como para a humanidade: a que denomina “falácia de apelar ao natural”, de acordo com a qual tudo o que é natural é inexoravelmente benéfico, justo, vantajoso, saudável. E isso não tem de ser assim, em primeiro lugar, porque o artificial é, na sua origem, também natural e, em segundo lugar, porque muitas vezes a melhor forma de proteger a natureza e evitar a sua exploração é, justamente, promovendo o uso dos seus substitutos.

O mito das renováveis

Examinemos a perspetiva do autor de “Apocalypse Never” de que a melhor maneira de lutar contra a mudança climática será promover o desenvolvimento económico. Como responder às necessidades energéticas que este suscita sem deteriorar ainda mais a atmosfera? A sua receita é a energia nuclear.

As renováveis não são unicamente mais caras, mais difíceis de acumular e mais instáveis. Pode-se dizer, além disso, que, relativamente à energia nuclear, são mais sujas, porque exigem mais materiais, geram resíduos e podem prejudicar em determinados casos a sustentabilidade do planeta. De acordo com as estimativas, entre 1995 e 2018, foram gastos cerca de 2 biliões de dólares em energia nuclear e 2,3 biliões em fontes eólicas e solares, mas a primeira gerou mais do dobro de eletricidade.

Shellenberger, que revela ser o uso da energia nuclear seguro a todos os níveis, testemunha com preocupação que ela se encontra em retrocesso. Considera que a difusão da energia renovável atrasaria o desenvolvimento económico e industrial dos países mais necessitados. A alternativa seriam as centrais nucleares, se não fosse a hostilidade da imprensa que têm em grande parte do mundo e que ele se propõe combater, demonstrando que se pode conciliar prosperidade económica e respeito pela natureza.

Em face da religião apocalíptica da ecologia, laicista e oposta à conceção judaico-cristã, o ativista norte-americano apoia um novo humanismo que não condene, mas reafirme, a contribuição do ser humano na conservação do seu meio.

J. C.